Pinel... / [Sebastião da Costa Santos].

Contributors

Costa Santos, Sebastião da, 1881-1939.

Publication/Creation

Lisbon : Tip. do Comercio, 1927.

Persistent URL

https://wellcomecollection.org/works/nnjsgcvx

wellcome collection

Wellcome Collection
183 Euston Road
London NW1 2BE UK
T +44 (0)20 7611 8722
E library@wellcomecollection.org
https://wellcomecollection.org

PINEL

POR

SEBASTIÃO COSTA SANTOS

SEPARATA

DO

JORNAL DA SOCIEDADE DAS SCIÊNCIAS MÉDICAS DE LISBOA

(TÔMO XCI — SETEMBRO DE 1927)

LISBOA
TIPOGRAFIA DO COMERCIO
Rua da Oliveira, ao Carmo, 8
1927

PINEL

POR

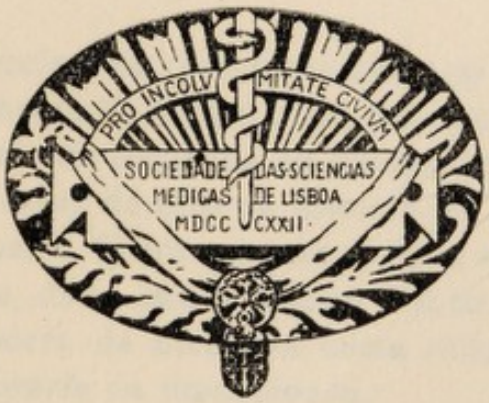
SEBASTIÃO COSTA SANTOS

SEPARATA

DO

JORNAL DA SOCIEDADE DAS SCIÊNCIAS MÉDICAS DE LISBOA

(TÔMO XCI — SETEMRRO DE 1927)



LISBOA
TIPOGRAFIA DO COMERCIO
Rua da Oliveira, ao Carmo, 8
1927

Digitized by the Internet Archive
in 2019 with funding from
Wellcome Library

https://archive.org/details/b30626201

PINEL

Honra-se esta Sociedade comemorando aqui hoje o primeiro centenário do falecimento de Filipe Pinel que grangeou um lugar de destaque na história da medicina ao mesmo tempo que inscrevia o seu nome em letras de oiro na história da humanidade.

De resto, em Pinel o filantropo não eclipsa o scientista mas antes mais o valoriza, dado que o médico é já de si um filantropo e sabido que a história da medicina outra coisa mais não é do que uma parte da história da humanidade.

De lastimar é porém a insuficiencia da debil voz do autor que só por falta de melhor se vê esmagado com a honrosa mas pesada tarefa de vos biografar Pinel. Oxalá a boa vontade que é imensa pudesse suprir a fraqueza dos meritos que é ora aqui franca, sincera e lialmente confessada.

A 20 de abril de 1745 nascia em Saint-André-d'Alayrac, pequena aldeia do departamento do Tarn, Filipe Pinel que mais tarde havia de se tornar notavel. Pinel era o mais velho de sete filhos que seus pais tiveram. Seu pai exercia a medicina de aldeia, vida e profissão que dois dos seus irmãos abraçaram.

Começou a sua educação sob as vistas da mãe, pessoa distinta e religiosa, que em breve morre deixando-o orfão aos quinze anos de idade.

Esta interrompida educação é continuada por um padre que lhe ensina francês e latim e lhe aconselha a entrada num colégio de Doutrinários das vizinhanças, Lavaur, para completar o estudo das humanidades. Ás qualidades de estudioso e trabalhador juntava Pinel as de ser simples, modesto, timido e reservado. Não admira portanto que a sua entrada para a confraria fosse coroada, do mais completo exito e assim, acaba a retorica, toma ordens menores, prosseguindo no estudo das letras e da filosofia.

Não deixa de ser curioso que apesar dos seus principios religiosos, Pinel foi bastante influenciado por Rousseau e Voltaire. Deixa a confraria e abandona os seus irmãos de doutrina, confessando-se-lhe todavia eternamente grato.

Despida a sotaina vai para Toulouse onde aluga um modesto quarto e em breve ocupa o lugar de perceptor em casa amiga; passava-se isto em 1769, tinha êle então 22 anos de idade.

O seu gosto pelas letras leva-o a concorrer a uns jogos florais onde obtém um premio. Continuando a sério os seus estudos literários defende com brilho tése na Faculdade de Letras de Toulouse para obter o grau de mestre em artes.

Pinel cuja curiosidade de saber era incomensuravel prosseguia ao mesmo tempo e com resultado o estudo das matematicas que acabou por o voltar para as sciencias naturais. A fisiologia e a medicina atraíram principalmente as suas atenções.

Vivendo de dar lições conseguia sustentar-se relativamente bem e assim se preparou para o doutoramento em medicina que terminou defendendo tése em 1773.

Montpellier com a sua universidade de fama mundial atraía o estudante extremamente curioso que era Pinel. Logo no ano seguinte ei-lo freqüêntando a sua Faculdade de Medicina onde segue as lições de Barthez de quem admira a gloria nascente.

Pinel continuou ali a recorrer ao ensino e à literatura, pois só assim se podia manter em Montpellier. Logo de entrada é encarregado da educação do filho dum dos principais habitantes da cidade.

Uma industria sempre, de todos os tempos, muito florescente em Montpellier é, sem duvida, a de fabricar téses de doutora-

mento e ninguem melhor do que Pinel para a exercer, não só pela sua erudição e bagagem literária e scientifica mas também por ser metódico e ordenado. Excelente latinista, como era, Pinel redigia facilmente qualquer tése que lhe confiassem. Os assuntos de higiene obtinham porém as suas preferencias.

Dêste trabalho e de lições de matematica provinham os seus meios de subsistencia na famosa cidade universitária.

Foi em Montpellier que Pinel conheceu Chaptal com quem travou relações de intima amizade, apesar da diferença de idade. Os mesmos ideais os aproximavam: o amor do belo e a pesquiza da verdade. Chaptal, ainda novo, era já conhecido como químico e admiravelmente dotado e havendo investigado os mais variados assuntos semelhava um homem embaraçado com as suas riquezas.

Profundamente dispersivo, ora era a poesia, ora a filosofia ou a medicina que absorviam Chaptal. Por falta de direcção esgotavam-se tantas forças aproveitaveis. Foi Pinel quem mostrou o verdadeiro caminho a esta inteligencia inquieta, fazendo medicina moral e aplicando-lhe a terapêutica psicologica.

Uma outra ligação que muito havia de influenciar Pinel foi a que teve com um jovem inglês que o iniciou nos segredos da lingua inglesa, desvendando-lhe toda a literatura médica britanica, e com quem deixa Montpellier para ir de viagem até Paris.

Paris era já então a capital do mundo mas a sua Faculdade de Medicina continuava anquilosada na rotina. Em 1778 desapareciam as duas maiores potencias intelectuais do século XVIII: Voltaire e Rousseau. Foi em plena perturbação dos espiritos provocada por êste infausto acontecimento que Pinel chegou a Paris impaciente por abraçar o seu grande amigo Chaptal.

Naturalmente falaram, nas primeiras conversas que tiveram, do filosofo de Genebra e logo combinaram ir juntos visitar o seu tumulo de Ermenonville, peregrinação obrigatória então em moda.

Pinel vai modestamente, como sempre, instalar-se no *quartier latin* onde vive sem dificuldades de maior, porquanto é muito económico e trabalha metódicamente.

Um sócio da Academia, o geometra Cousin, arranja-lhe lições de matematica. D'Alembert, a quem é apresentado por Cousin, aprecia-o muito como matematico.

Entre os salões que estas relações lhe abriram contava-se o de M.me Helvetius que era por assim dizer o *rendez-vous* desta

sociedade de Auteil composta de sabios ilustres, como Lavoisier, Condorcet, Savary, Cabanis, Roussel, etc. A freqüência desta sociedade teve bastante influencia no seu espirito, porquanto a ponto de emigrar para a America renunciou por fim a êsse projeto ficando em Paris.

Começa a dedicar-se um pouco à clínica conseguindo fazer uma clínica modesta e deixando por isso de dar lições de matematica.

O século XVIII foi para a França um século de nervos, como o tratado de doenças nervosas de Tissot e o artigo de Fouquet sobre a sensibilidade na enciclopedia de Alembert e Diderot à evidencia o testemunham. A psicologia duma época que viu sucessivamente as loucuras de Saint-Médard, as utopias dos teosofos, e as prestidigitações de Mesmer e, para terminar as convulsões do Terror, atesta o papel que desempenharam os nervos.

As circunstancias do meio preparavam excelentemente Pinel, espirito fortemente observador, para o estudo das doenças mentais, consideradas então como manifestações individuais dum estado geral que ia sucessivamente passando por todos os graus da alienação mental, da mania simples ao delirio furioso e depois à demencia.

As condições de vida de Pinel melhoram sensivelmente. Nos momentos que lhe ficam livres da sua pequena clientela faz artigos para jornais de medicina e traduções, entre as quais avulta a das *Instituições Médicas* do dr. Cullen, podendo já satisfazer o seu gosto e passar as manhãs a estudar o que mais lhe apetece trabalhando sobretudo na sua Higiene.

Em Pinel revela-se o observador escrupuloso e sério no desdem pelas preocupações de clinica que fazem a fortuna de tantos médicos célebres.

Para Pinel a medicina era mais uma profissão liberal, um sacerdocio mesmo, do que um oficio lucrativo. Foi êste principio que sempre o guiou na vida.

Entre tantos merecimentos teve tambem o de iniciar o seu país no conhecimento dos trabalhos dos médicos ingleses, nomeadamente os da escola de Edinburgo.

Nada há como as cartas particulares para desvendar o fôro intimo dos grandes homens. Infelizmente de Pinel só existe um pequeno numero de cartas que foram cuidadosamente coligidas e

publicadas por um seu sobrinho que, além da sua biografia, lhe acrescentou algumas notas interessantes.

Nessas cartas não se encontram senão ideas e sentimentos elevados e a recordação constante da familia bem como a saudade da terra natal.

Dotado dum assizado patriotismo e possuindo um amor sincero ao progresso, mas tendo horror ao sangue e despresando os que o faziam derramar a coberto dos nomes da igualdade e da liberdade, assistiu com o mais corajoso bom senso a todos os actos da Revolução Francesa, escrevendo sobre a morte de Luiz XVI, que êle presenciou, e sobre os acontecimentos que provocaram o Terror, cartas que muito honram a sua inteligencia e a firmeza das suas convicções sem fanatismo.

Na sua carta a Desfontaines escrevia: *je travaille vivement á mon Hygiène*. Este trabalho de que publicou bastantes fragmentos em artigos na *Gazette de Santé*, nunca foi impresso por completo e em separado. A higiene ensaiava ainda os seus primeiros passos vindo a ser definitivamente introduzida na medicina por Hallé.

Nesta carta a Desfontaines é mais uma vez revelada a simplicidade de costumes de Pinel, quando conta: um quarto alugado, alguns clientes, o estritamente necessário, mas uma independencia absoluta e um trabalho persistente. Eis a sua formula de viver.

Em 1783, um dos amigos de Pinel, cuja observação publicou, foi atacado dum acesso de mania cujas conseqüências foram das mais funestas. Pinel via-o todos os dias e a observação indica qual o método por êle seguido. Pinel procurava evidentemente a verdade na realidade. Daí a um estudo mais profundo da alienação mental e das suas diferentes fórmas vai um passo.

Erudito, como era, bem depressa se convenceu que era para os antigos mestres que devia voltar-se, meditando de preferencia as suas obras. De resto, os preceitos dos mestres da medicina antiga, todos representando a absoluta expressão da verdade, nada tinham perdido com a travessia dos séculos.

Nêste comenos Pinel teve a oportunidade de se dedicar ao estudo da loucura em um teatro menos restrito. Começa a freqüêntar uma casa de saude de alienados onde faz observações durante cinco anos sobre as manias e o seu tratamento moral. A

partir dêste momento sucedem-se os artigos e as memorias sobre a loucura, nos jornais em que colaborava. Pinel tinha encontrado o seu caminho.

Como todos os bons trabalhadores, Pinel sabia distribuir o tempo de maneira a ter momentos disponiveis e consagrá-los a distrações preferidas e a estudos prediletos. Desta fórma seguia certos cursos no «Jardim das Plantas» e especialmente no «Colegio de França» o curso de Delille que comentava Virgilio de maneira incomparavel e inexcedivel.

Em 1785 lê Pinel á Academia das Sciencias de Paris uma memoria sobre *a aplicação das matematicas ao corpo humano e sobre o mecanismo das luxações em geral* trabalho de folego em que o seu autor confessa não querer abusar daquilo que se chama mecanismo em medicina, assunto que todos devem completamente abandonar. De facto Pinel aproximava-se bastante de Baglivi, de quem até publicou uma edição das suas obras. Pinel apesar do seu amor pela observação conservava as qualidades do seu espirito matematico. Pinel, como Baglivi, pensava que o livro mais instrutivo em medicina era o proprio doente.

Apesar do seu tato clinico que o preservou dos excessos dum método que seduzia tantos médicos pela sua exatidão especiosa e a sua aparente facilidade, Pinel deixou-se prender nas suas malhas ao fazer a sua *Nosographie philosophique*, o que não aconteceu nos seus trabalhos sobre medicina mental.

Filosofo e observador, Pinel procura em primeiro lugar na alienação mental as causas exteriores que a podem determinar. Mas as questões de patogenia não lhe fazia perder de vista a terapêutica que é a finalidade da medicina. Muitas outras memorias completam êstes ensaios que são, por assim dizer, o preludio da psiquíatria moderna fundada em factos clinicos bem observados.

Como é sabido, a mais crassa e grosseira rotina presidia ao tratamento dos alienados. Em 25 de agosto de 1793 Pinel foi nomeado médico do asilo de alienados de Bicêtre. A reforma hospitalar decretada pelo governo e reclamada havia tanto tempo ia emfim ter um começo de execução no asilo.

Pinel começou o seu serviço clinico em 11 de setembro nas enfermarias de alienados. Tudo estava por fazer. Impunha-se uma reforma. Havia séculos que os pobres loucos eram tratados como féras ou como os piores malfeitores. O tratamento da loucura,

abandonado a mercenarios sem consciencia, parecia desafiar a razão e a humanidade.

Contra a alienação mental que é a pior das desgraças não se conhecia outra coisa senão a violencia. Por isso a escolha de Pinel tinha sido muito acertada porquanto ninguem melhor do que êle para substituir a barbarie pela humanidade.

Pinel passou então a empregar todo o seu tempo e a consagrar todas as suas forças no alivio dos desgraçados entregues aos seus cuidados, depois de estudar a uma por uma as suas enfermidades.

Bicêtre era então um vasto pandemonio ocupado por todas as miserias humanas, aqui ladrões, ali assassinos, acolá alienados, mais além invalidos e mutilados de guerra.

A primeira reforma a efectuar era a abolição das cadeias de ferro com que eram contidos os loucos. Para isso, porém, era não só precisa a autorização da secretaria geral mas ainda o assentimento da Comuna, ciosa da sua autoridade absoluta.

Pinel convencido de que o pedido desta concessão era dos mais urgentes não hesitou em repetir o pedido poucos dias depois. Várias vezes foi Pinel em pessoa perante a Comuna expôr as razões do seu pedido. Era então presidente da Comuna o convencional Couthon, paralitico por sinal e que em tudo via traições, o qual depois de ouvir Pinel o tratou de aristocrata e lhe disse: «desgraçado de ti se nos enganas e se entre os teus loucos escondes alguns inimigos do povo!» Ao que Pinel replicou ser tudo pura expressão da verdade e que a sua missão era exclusivamente médica. *Nous verrons bien* foi a única resposta que Pinel conseguiu obter.

No dia seguinte, com grande espanto seu, tinha Pinel que receber o fogoso convencional Couthon que sem o prevenir se fizera transportar a Bicêtre. Pinel começa por o conduzir á secção dos agitados onde o aspecto das celulas o impressionou muito desagradavelmente. Pretendeu Couthon interrogar os furiosos, não conseguindo da maior parte senão ouvir injurias e apostrofes grosseironas. Não valia a pena prolongar por mais tempo o seu inquerito. Voltando-se para Pinel, diz-lhe: «Ah! cidadão estás louco querendo libertar uns animais semelhantes?» Ao que Pinel respondeu: «Cidadão estou convencido que estes alienados são tão intratáveis só porque os privam do ar e da liberdade». «Pois bem, faze

o que quizeres, mas receio bem que venhas a ser vitima das tuas presunções», foram os termos pelos quais Couthon lhe concedeu a almejada licença.

Façamos justiça aos humildes, foi um enfermeiro do hospital quem sugeriu a grande reforma a Pinel. Este empregado hospitalar, chamado Puzin, era vigilante duma divisão de loucos em Bicêtre. «O que fazes, lhe diz um dia Pinel, quando êles tem furias?». «Retiro-lhes as cadeias,» respondeu Puzin. «E depois?» «Eles acalmam-se.» Isto foi para o clinico o raio de luz.

Se a idea primeira lhe não pertence, Pinel teve porém o mérito de a pôr em execução não desdenhando das experiencias de um dos seus humildes subordinados.

Obtida a autorização dos poderes publicos para a aplicação do seu método, Pinel não hesitou um só instante em o pôr em prática.

Assim, conta-se que o primeiro doente a quem êle quiz dar a liberdade de movimentos foi um capitão inglês, o qual havia já quarenta anos estava prezo com cadeias. Era êle o mais temido de todos os furiosos. Os guardas não se aprovimavam dêle com receio desde que uma vez num dos acessos batera na cabeça de um dos criados com uma das algemas a ponto de o matar. Escusado será dizer que depois dêsse dia ainda mais as correntes foram apertadas.

Pinel entrou sósinho na celula e dirigindo-se ao doente diz-lhe: «Capitão se vos fizesse tirar os ferros e vos désse a liberdade de passear no patio, promete-me ser razoavel e não fazer mal a ninguem?» «Prometo-te mas estás a fazer pouco de mim, êles têm todos muito mêdo e tu também;» foi a resposta do doente. Ao que Pinel replicou: «Não, não tenho medo pois tenho alì 6 homens para me fazer respeitar.»

Os guardas desligaram-no das cadeias e deixaram-lhe a porta da celula toda aberta. Refere o dr. Ch. Pinel, que nos conta êste incidente, que várias vezes o doente tentou levantar-se do assento, a que estava preso havia quarenta anos, e caiu pois que havia perdido o uso das pernas. Por fim, passado um quarto de hora, consegue ter-se em equilibrio e do fundo da celula avança cambaleando para a porta. O seu primeiro movimento é olhar para o ceu e logo grita: *Oh! que c'est beau!* Durante todo o dia não cessou de correr, subindo e descendo escadas e sempre repetindo a mesma frase.

A' noite entra pelo seu pé na sua celula, dorme pacificamente numa cama melhor que lhe tinham preparado e durante dois anos, que passa ainda em Bicêtre, não tem mais furias, e torna-se mesmo útil á casa exercendo uma certa autoridade sobre os outros loucos que dirige á sua vontade e de quem se faz vigilante.

A experiencia era convincente e outras seguiram. Um outro regime de tratamento de alienados se puzera em vigor graças a Pinel.

Pinel escreve a êste respeito que os mesmos alienados, que contidos pelas cadeias durante uma longa sêrie de anos ficavam sempre num estado constante de furia, passeavam depois tranquilamente com um simples colete de forças e conversavam com toda a gente, emquanto que anteriormente ninguem podia aproximar-se déles sem perigo.

Estas palavras provam bem quanto era eficaz o novo tratamento. Os factos triunfavam dos preconceitos. Mas o erro tem a vida dura principalmente apoiado numa longa tradição. Pinel apesar de tudo, durante os dois anos que passou em Bicêtre, não conseguiu abater todas as correntes com que se prendiam os loucos.

Do seu natural timido, como já dissémos, Pinel era corajoso e tinha sangue frio suficiente para se opôr aos actos malfazejos e aos massacres. Assim, Pinel quando os iconoclastas pretenderam ir retirar e destruir os objectos do culto religioso das enfermarias de alienados, opôz se terminantemente.

Os azares da politica levaram para Bicêtre muitos padres e emigrados que haviam voltado para França. Pinel nunca consentiu na extradicção de um grande numero dêles, que lhe era pedida, sob o pretexto de que estavam atacados de alienação mental.

Conseguiu assim salvar a vida a muitas pessoas, entra elas, cita Dupuytren, um alto prelado francês. Com esta sua atitude arriscava Pinel a sua propria vida que um dia mesmo chegou a estar em grande perigo.

No 24 floreal do ano III da Republica, isto é em 13 de maio de 1795 Pinel toma posse do lugar de clinico da Salpêtrière. Esta instituição hospitalar era uma grande vila desorganizada, como Bicêtre.

Uma vez aí instalado, Pinel aplicou-se a introduzir-lhe reformas analogas às que havia executado em Bicêtre. Por toda a

parte a mesma desordem, a mesma confusão e as mesmas necessidades urgentes. Aqui também havia cadeias a quebrar, celulas infectas a demolir e todo o pessoal de enfermagem a substituír, o que era o mais dificil.

As reformas de Pinel eram tanto mais dificeis de executar quanto é certo que a secretaria geral se mostrava cada vez mais fraca para tomar medidas tão radicais.

Já era o tempo em que o Directório sucedera à Convenção. Com o Directório a revolução começava a recuar; acima de tudo desejava-se a paz. A luta pela reforma do tratamento dos alienados durou anos.

«Que época mais favoravel para estudar as diferentes formas da alienação mental, escrevia Pinel, do que as tempestades duma revolução, tempestades sempre propicias a exaltar ao mais alto grau as paixões humanas.» Tais eram precisamente as condições morais em meio das quais Pinel começara a compôr em Bicêtre a primeira edição do seu notavel livro intitulado: *Traité medico-philosophique sur la manie*, terminando-o sómente na Salpêtrière.

Todavia, professor de patologia interna na Escola de Medicina, Pinel empreendeu por necessidades do ensino uma outra obra que desde a sua aparição exerceu uma bem maior influencia, referimo-nos à sua *Nosographie philosophique*.

Com a reconstituição do ensino publico veio a renovação das obras didáticas. Dominava o espirito de classificação filho directo do enciclopedismo então reinante. Aos alunos de medicina faltava um livro elementar em relação como classificação com o método descritivo da história natural.

O livro de Pinel satisfazia as idéas da época e, sem ser perfeito, foi considerado um grande progresso. O seu autor procurava nesta obra pela distincção dos tecidos e das funcções organicas localizar as doenças.

Representava a «Nosografia» de Pinel tão bem a sua época que foi proclamada pelo Directório como uma das produções mais honrosas para o espirito gaulês e para a sciencia contemporânea. Foi traduzida em várias linguas e durante mais de um quarto de século educou os estudantes de medicina.

A «Nosografia» era mais um tratado de semeiotica que outra coisa, por isso se explica o seu grande sucesso.

Foi muito grande a influencia exercida por esta obra de Pinel,

até o grande Bichat se inspirou nela para fazer o seu *Traité des membranes.*

Voltemos à Salpêtrière onde Pinel com o seu bom senso prático começara, como em Bicêtre, por restabelecer a ordem nos serviços, para só depois então proceder á observação clínica e, finalmente, ensaiar o seu tratamento moral. Para Pinel o verdadeiro tratamento da alienação mental devia nascer da observação paciente de um grande numero de loucos submetidos ao regime do isolamento em casas apropriadas.

Pinel tinha à sua disposição uma verdadeira oficina laboratorial, a Salpêtrière que êle transformou.

Graças às duas obras mencionadas, Pinel obteve depressa uma tardia nomeada. Os alunos afluiam de toda a parte para lhe ouvir as lições, quer na Faculdade de Medicina quer na Salpêtrière, onde a sua clínica era das mais freqüêntadas.

Depressa Pinel foi olhado como um chefe de escola dos mais autorizados em virtude da sua erudição universal. Com efeito Pinel foi o chefe da psiquiatria moderna francesa que conta entre os seus membros nomes como:

Esquirol, o seu discipulo mais eminente, e, que, se Pinel não tivesse existido, devia ser, sem contestação, o mais ilustre psiquiatra da França;

Ferrus foi também discipulo de Pinel, ensinou em Bicêtre, era homem de espirito e um verdadeiro conciliador;

Falret seguiu na Salpêtrière a tradição inaugurada por Pinel e continuada por Esquirol;

Voisin foi discipulo de Esquirol e praticou em Bicêtre;

Georget, ainda da mesma dinastia, foi interno de Esquirol.

Eis muito rapidamente enunciada a lista dos nomes daquêles que constituiram essa brilhante pleiade de medicos franceses fundadores da moderna psiquiatria. Quando outros meritos não tivesse Pinel, bastaria o ser o chefe incontestado desta escola de psiquiatria para ser digno das nossas homenagens.

A sua grande modestia e timidez, que não eram fingidas, fizeram com que Pinel fosse o idolo dos estudantes. Quanto aos discipulos, desnecessário seria dizê lo, todos o veneravam.

Apesar do seu espirito prático, desconhecia o seu proprio merecimento, ignorando mesmo toda a extensão da sua reputação e não sabendo sequér o que era vaidade ou ambição.

Falho de dotes oratórios e timido como era, conta-se que Lemonnier, primeiro médico de Luís XVI, pretendendo fazer de Pinel um médico da côrte, apresentou-o às filhas de Luís XV às quaís não soube dizer palavra emquanto durou a entrevista. Resultou daí o fazerem dêle um mau juizo e dessa vez não foi nomeado. Mais tarde ao anunciarem-lhe que estava inscrito para primeiro médico do imperador, respondeu que não aceitava e aconselhou que chamassem Corvisart, cuja feição espiritual convinha melhor a Napoleão. Todavia, algum tempo depois, foi Pinel nomeado médico consultor do imperador, honraria que muito o lisongeou.

Ao alvorecer do século XIX, Pinel, como a fortuna lhe sorria, deu-se ao luxo de possuir uma casa de campo onde ia passar todos os fins de semna, o que constituia para êle um repouso bem ganho. Uma pequena quinta, flôres e plantas, numa aldeia não longe de Paris, Torfou, entre Etampes e Arpajon, constituiam para êle um ninho de felicidade. Toda a gente em roda o conhecia e amava, por isso durante longos anos foi o *maire* da localidade, lugar que desempenhou com simpatias gerais pois fazia nêle todo o bem que podia.

Em Torfou recebia com prazer a visita dos amigos e discipulos. Esquirol, sempre que podia, ali ia venerar o mestre por quem nutria uma grande afeição. Ali se encontravam, porém, muitas vezes outros discipulos, como Rostan, Ferrus, etc., mais modernos, é certo, mas mantendo todos uma igual veneração pelo chefe.

Julgamos curioso vêr como Pinel considerava a alienação mental. Nascido em meado do século XVIII, embebido da filosofia de Locke e Condillac, a obra que Pinel deixou exprime necessariamente as ideas e as tendencias da sua época.

Não será demais recordar que Locke tinha feito a distinção entre as ideas de origem sensorial e as noções ou verdades de origem psiquica.

Para Pinel os tipos principais da loucura classificavam se da seguinte fórma : a mania, a melancolia, a demencia e o idiotismo.

Só mais tarde, em 1816, Esquirol divide a melancolia em monomania e lipémania.

Foi Pinel quem defendeu primeiro a terapêutica do isolamento do doente, maneira de vêr que Esquirol traduzia em 1818 da fórma caracteristica seguinte : «Uma casa de alienados é um instrumento de cura nas mãos de um médico habil ; é o agente te-

rapêutico mais poderoso contra as doenças mentais.» E' bom frisar que antes de Pinel nenhum autor tinha tratado dêste assunto tão fundamental.

As causas da loucura eram divididas por Pinel em predisponentes e ocasionais, assinalando em primeiro lugar a hereditariedade.

Para Pinel havia uma grande analogia entre a arte de dirigir os alienados e a de educar as crianças. Nisto não fazia mais do que seguir as ideas de Locke e Condillac.

A mania era para o autor uma excitação nervosa ou uma agitação extrema levada por vezes até o furor ou um delirio geral, mais ou menos marcado, por vezes com juizos muito extravagantes ou mesmo uma transformação completa de todas as operações do entendimento.

A melancolia era um delirio dirigido exclusivamente sobre um objecto ou uma série particular de objectos, com abatimento, morosidade e mais ou menos tendencia ao desespero.

A demencia no seu mais alto grau era definida: a sucessão rápida, ou melhor alternativa não interrompida de ideas isoladas e de emoções ligeiras e disparatadas, movimentos desordenados e atos sucessivos de extravagancia, olvido completo de todo o estado anterior, abolição da faculdade de perceber os objetos por uma impressão feita sobre os sentidos, obliteração do julgamento, atividade continua sem finalidade e nenhum sentimento anterior da sua existencia.

Sob o nome de idiotismo descrevia Pinel toda a abolição mais ou menos absoluta ou das funções do entendimento ou das afecções do coração.

Deve-se a Esquirol a distinção pitoresca entre a demencia e a idiotia: «O homem em demencia está privado dos bens que possuia outrora, é um rico que se tornou pobre; o idiota viveu sempre infeliz e na miseria. O estado do homem demente pode variar; o do idiota é sempre o mesmo.»

A parte mais importante da obra psiquiatrica de Pinel é a que diz respeito ao tratamento da alienação mental. O tratamento moral tem para Pinel uma importancia capital, porque diz: «os alienados, longe de serem culpados que é preciso castigar, são doentes cujo penoso estado merece todos os cuidados devidos á humanidade sofredora e a quem se deve procurar pelos meios mais simples restabelecer a razão transviada.»

E' por esta razão que trataram Pinel de bemfeitor dos alienados e Esquirol, o seu mais ilustre discipulo, não falava dêle sem dizer: o grande Pinel.

Ao lado de Pinel alienista existe um outro Pinel percursor em matéria de educação fisica e de higiene. Num dos seus artigos Pinel fazia a seguinte interessente declaração: «Não concebo assunto mais fecundo em aplicações úteis e mais digno de ser tratado que a ginástica médica».

Noutro sitio critica a definição de higiene de J. J. Rousseau: «A higiene é menos uma sciencia do que uma virtude»; o que Pinel comenta: «seria mais exato dizer que é tanto uma como outra».

Noutro artigo sobre a importancia do regime alimentar, estuda as propriedades das bebidas quentes e denuncia os perigos do alcoolismo. Defendendo o regime vegetariano diz: «O homem pode em todas as refeições nutrir-se de vegetais sem nada perder do seu vigor».

Pinel aparece-nos naturista quando escreve: «A natureza oferece-nos em todos os lugares o ar, a luz do sol e o livre exercicio dos nossos membros... A acção do ar e da luz do sol são talvez um dos primeiros sustentaculos da saúde e do vigor...»

Melhor que isto, Pinel recorda-nos como se praticava na antiguidade o que nós chamamos hoje a helioterapia: «Ficava-se de pé, assentado ou deitado ao sol; passeava-se ou então faziam-se corridas rapidas; algumas vezes faziam-se preceder de fricções com materias gordas... Estendia-se sobre um lugar arenoso uma pele de coiro previamente untada e depois de a ter deixado aquecer bem pelos raios solares fazia-se aí deitar o doente nú com a cabeça coberta...»

Por outro lado Pinel elogia os beneficios do frio «verdadeiro estimulante que aumenta o calor e a força» e condena o habito de aquecer demasiado as habitações

Mas o que êle acha salutar acima de tudo é o exercicio. O exercicio é «o apoio de uma saúde firme e duradoira». Aconselha aos homens de letras não levarem vida tão sedentária.

Vários artigos aínda devidos á sua pena são em favor dos sports da época: a equitação e a natação. O exercício do canto também mereceu a Pinel um artigo encomiastico, pois êste exercício influia vantajosamonte sobre o corpo inteiro.

Finalmente, como não podia deixar de ser, Pinel é contra o

espartílho das senhoras, contra as golas apertadas, contra as polainas, contra tudo «que embaraça os musculos sobretudo no momento em que o jogo dêstes deve ser mais livre».

Era, como se vê, um higienista consumado e esta faceta do seu talento médico não tem sido devidamente apreciada, como era de justiça.

Pinel na vida ordinária tinha o espírito vivo e a resposta pronta. Pariset, por exemplo, conta que o astronomo Lalande, seu colega do Instituto, havendo-lhe prometido um artigo no «dicionário dos ateus», do qual projetava uma nova edição, o médico alienista lhe respondeu logo «que não o esqueceria também na sua segunda edição do seu *Traité sur la manie*. Tratava-se com efeito dum singular maniaco, êste Lalande, que por toda a parte anunciava o seu ateismo e se gabava de comer as aranhas.

De seu natural pacifico, Pinel sofria com paciencia de santo os ataques da critica, sempre pronto a aproveitar dos remoques dos seus censores, quando os achava justos. Broussais que no seu ardor belicoso o atacou violentamente, começara por defender a sua teoria médica

Pinel favoreceu a evolução da medicina pelos seus trabalhos, porque se prendeu à observação severa dos factos que é a origem desta sabedoria que constitui a experiencia dos séculos. A sua terapêutica, como a de Sydenham, era simples e racional.

Tendo sido restaurado o imperio, Pinel não foi considerado como um fervente admirador do novo regime, porquanto fez parte do numero dos professores demitidos da Escola de Medicina em 1822. Ao saber da noticia, disse simplesmente: «Ao menos o ensino é assegurado?» Mas a sua abnegação não pára aqui. Como lhe aconselhassem a fazer valer os seus direitos a uma reforma, respondeu: «Não, não, é necessario pensar no meu colega, eu por mim não preciso de nada». Todavia êle não era rico e tinha setenta e sete anos de idade.

Poucos anos sobreviveu a êste incidente, porquanto em 26 de outubro de 1826, com a idade de oitenta e um anos, morria na Salpêtrière alguns dias depois de ter voltado do campo. A morte surpreendeu-o, onde êle desejava, no hospicio onde passara uma boa parte da sua vida ao serviço da verdade, desinteressadamente e a praticar o bem com essa simplicidade de coração que é propria dos grandes filantropos.

Uma estatua foi erigida a Pinel por iniciativa tardia da Sociedade médico-psicologica, na praça da Salpêtrière, em 15 de julho de 1885. Assim se reparou um grande esquecimento.

A França que toma sempre muito a peito o culto dos seus grandes homens, festejando agora o primeiro centenário de Pinel, trata-o porventura, um pouco avaramente como um dos seus filhos queridos. O nome de Pinel, já de há muito ultrapassou as fronteiras da França e até os limites da raça latina também já foram excedidos pela sua nomeada. O glorioso nome de Pinel é universal porquanto, como dissémos ao iniciar esta noticia, êle está gravado em letras de oiro no grande livro da humanidade.

Em nós, médicos portugueses, fieis satelites da França, não é só mero preito de admiração o sentimento de acompanhar e prestar também a nossa ainda que modesta homenagem ao grande sabio e erudito, ao médico insigne, ao higienista distinto, ao psiquiatra notavel e ao fundador prestigioso da psiquiatria moderna, o que já era alguma coisa. Um outro pulsar do coração nos impele porém nêste momento a nós, os eternos e incorregiveis sentimentais, esse sentimento que se ergúe em nós, é, como vós já o calculais, o do mais profundo reconhecimento àquêle que soube libertar os pobres loucos do suplicio das cadeias e dar uma nova e mais humana orientação ao seu tratamento.

Se é certo que os actos nada valem e as intenções é que são tudo, que nos valha a confissão dêsse grato sentimento para nos redimir das mal alinhavadas frases que acabamos de escrever sobre tão grande vulto da história da medicina.